**Um novo “caso Galileu”? O nascimento da sexualidade e a doutrina católica. Artigo de Andrea Grillo**

18 Março 2021

"A pretensão de uma 'doutrina de sempre' em matéria matrimonial e sexual é uma reconstrução abstrata, que esquece a história. No momento em que o sexo se transforma em sexualidade, perde, em grande medida, a sua natureza de mera “função para o outro” e assume uma relevância direta para o sujeito, a doutrina deve encontrar novos recursos de argumentação e de orientação".

A opinião é de [**Andrea Grillo**](http://www.ihu.unisinos.br/607582-o-que-e-um-problema-sistematico-casais-homossexuais-e-pedagogia-da-lei-artigo-de-andrea-grillo), teólogo leigo italiano e professor do **Pontifício Ateneu Santo Anselmo**, em artigo publicado em **Come Se Non**, 17-03-2021. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

**Eis o texto.**

*“A sociedade moderna se distingue das formações sociais anteriores por um duplo incremento: uma maior possibilidade de relações impessoais e relações pessoais mais intensas.”(Niklas Luhmann, “Amor como paixão”)*

Em uma entrevista de 2015, **Matthew Fox**, com olhar aguçado, disse que “a questão da sexualidade é o **caso Galileu** do nosso tempo”. Creio que essa frase sabe nos dar o pano de fundo certo para entender a dimensão do [*“responsum”*](http://www.ihu.unisinos.br/607584-um-pecado-sem-comentarios-deus-os-criou-os-ama-e-deseja-que-sejam-felizes-entrevista-com-james-martin-s-j) com que o órgão doutrinal da **Igreja Católica** tentou negar à Igreja o [poder de abençoar os “casais homossexuais”](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607556-vaticano-diz-que-padres-nao-podem-abencoar-casais-homossexuais-por-que-o-papa-francisco-aprovou-esse-decreto).

Não devemos nos deixar distrair pelo tema “escabroso”: o problema não diz respeito principalmente à “**homo-sexualidade**”, mas sim à “**sexualidade**” como tal, como cifra do mundo tardo-moderno, que a **Igreja Católica**, pelo menos em algumas das suas instituições, custa a conhecer e a reconhecer.

Gostaria de tentar dizer, em palavras simples, como é grande o desafio que se esconde por trás da pequena página de argumentação do *“responsum”*.

**Um “sinal dos tempos” difícil de descifrar**

Estamos diante de um conflito de interpretações e de uma reformulação do saber tradicional que tem muitos aspectos de absoluta importância. Por isso, parece-me que o tema da **homossexualidade** implica um “escopo” muito mais amplo do que podemos, em média, reconhecer. Tento resumi-lo em poucas questões que se implicam em cascata.

A questão sistemática que me parece decisiva é a seguinte: é possível ou mesmo necessário considerar a **homossexualidade** sob a categoria das “ofensas à castidade”? Mas, bem antes disso, por trás da questão da homossexualidade, está uma questão maior, ou seja, a questão geral da **sexualidade**.

Em outras palavras, o verdadeiro problema não é a variante “homo” da sexualidade, mas sim a sexualidade *tout-court*.

A **homossexualidade** pode parecer “desordenada” porque a heterossexualidade é pensada como “ordenada” apenas quando referida à geração. Mas esta é uma visão totalmente aceitável?

Obviamente, não afirmo que isso não tenha fundamento, mas me pergunto se isso é realmente tão exclusivo. Para ir ainda mais longe, pergunto-me: o fato de o exercício da sexualidade não ser “pecado” apenas dentro do matrimônio é realmente a resposta evangélica à descoberta da sexualidade, diferente do simples “sexo”? Não há, em tudo isso, uma indevida sobreposição entre natureza, cultura e evangelho?

Tento elaborar essas diversas questões de forma inicial, como simples impulsos à reflexão, tentando mostrar a exigência de uma acurada elaboração de novas categorias, sem as quais a **doutrina católica** corre o risco de ser apenas uma “defesa” de princípios sacrossantos, mas com instrumentos teóricos e operacionais não mais adequados.

Para defender a tradição, de fato, os “talentos” não podem ser “enterrados no chão”, mas devem ser empregados com coragem e com paciência, no diálogo cultural de hoje, não mais apenas na cultura de **Agostinho**, de **São Tomás de Aquino**, de **Lutero** ou o cardeal **Gasparri**.

***Para defender a tradição, de fato, os “talentos” não podem ser “enterrados no chão”, mas devem ser empregados com coragem e com paciência, no diálogo cultural de hoje, não mais apenas na cultura de Agostinho, de São Tomás de Aquino, de Lutero ou o cardeal Gasparri - Andrea Grillo***

**Uma compreensão “funcional” da sexualidade**

Se, por muitos séculos, a **Igreja Católica** definiu o “**contrato de matrimônio**” como um exercício do *“ius in corpus”*, ou seja, o direito exclusivo, em relação a cada um dos cônjuges, sobre o sexo do outro para fins de geração, é evidente que ela não se encontrou equipada, conceitualmente, para enfrentar a “transformação da intimidade” e o “nascimento da sexualidade” em uma sociedade aberta.

Quando o sexo se torna sexualidade, isto é, quando, de instrumento, ele começa a participar também da lógica do fim, não só o pecado está em jogo, mas também se torna central nele a definição (autodefinição e heterodefinição) do sujeito.

Assim, a representação de uma sexualidade legitimamente exercida apenas no marco da relação matrimonial é uma forma exasperada de substituir do “cumprimento” pela realidade complexa da existência. Na existência humana, faz-se experiência da sexualidade não apenas no matrimônio: este é um dado que emerge “in natura” e na sociedade aberta, que não censura previamente os comportamentos.

Desse modo, inevitavelmente, tudo o que cai “fora” do matrimônio (antes ou ao lado, para os noivos ou para os celibatários-solteiros) é irremediavelmente compreendido apenas com a categoria do pecado e, portanto, é mal compreendido.

Sem querer redimensionar a seriedade dos discursos sobre a continência e sobre a [castidade](http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565018-a-castidade-nas-relacoes-humanas-artigo-de-enzo-bianchi%22%20%5Ct%20%22_blank) – que continuam qualificando a vida propriamente humana – é óbvio que eles pressupõem um horizonte de experiência comum – no nível pessoal e social – que muito mudou nos últimos dois séculos. Mas aqui, evidentemente, nas reações, o risco de um maximalismo moral se desposa continuamente com uma organização sistemática das coisas abstrata demais. Um reequilíbrio entre os “bens” do matrimônio implica necessariamente outra repartição entre bem e mal, mais matizada e menos drástica. Que impõe uma redefinição da sexualidade em ordem não só à geração, mas também à relação e ao *“bonum coniugum”* e até ao*“bonum sui”*, em um matrimônio pensado não mais principalmente como “ato”, mas como “percurso” e como “processo”.

O fato de a **sexualidade** estar, no processo, só no fim é uma conjectura abstrata, que não repousa na experiência real. Se pensarmos bem, isso sempre foi verdade apenas para algumas mulheres, mas quase nunca para os homens. A nostalgia pelo “mundo ordenado” de antigamente é também a nostalgia por um contexto em que todos os rapazes, como “militares”, descobriam o sexo rigorosamente “fora do matrimônio” e muitas vezes, infelizmente, nas “casas de prazer”. O que não assegurava uma grande partida como iniciação à vida sexual e matrimonial.

***A nostalgia pelo “mundo ordenado” de antigamente é também a nostalgia por um contexto em que todos os rapazes, como “militares”, descobriam o sexo rigorosamente “fora do matrimônio” e muitas vezes, infelizmente, nas “casas de prazer” - Andrea Grillo***

**O espaço teórico do sexto mandamento e a sua extensão pós-tridentina**

Se permanecermos na percepção “pecaminosa” da questão sexual, porém, devemos reconhecer que o “sistema dos pecados” nem sempre foi o mesmo. A estrutura “clássica” de meditação e elaboração cristã sobre o pecado não foi construída sobre o “**decálogo**”, mas sobre os “**sete pecados capitais**”.

Essa organização tinha um ordenamento dos pecados como o de **Dante**: soberba, inveja, ira, avareza, preguiça, gula, luxúria. O último nível era o menos severo. Com o **Concílio de Trento**, o esquema eclesial enraizou no decálogo a estrutura dos pecados. Mas o “de sexto” estende-se aos “atos impuros” e assume um relevo que fará do pecado sexual, na era burguesa, o pecado “por antonomásia”.

Essa desproporção faz parte da nossa herança. Por isso, a percepção da dimensão “de pecado” da homossexualidade interfere emocional e afetivamente na questão, distorcendo o olhar e a razão. Pode parecer surpreendente, mas, no inferno de **Dante**, o vício da “sodomia” está próximo da usura e da blasfêmia. É pecado da sociedade antes que da intimidade. A história, mesmo a mais distante de nós, também pode nos dizer algo de útil para “recontextualizar” o fenômeno e não entendê-lo mal.

***Não há dúvida de que a grande distinção entre “secondo natura” e “contro natura” pode funcionar bastante bem no mundo antigo, medieval e no início da modernidade - Andrea Grillo***

**Natureza, cultura e fé: uma relação mais complexa do que o esperado**

Se a referência à “natureza” certamente pode ser de destaque, é necessário atentar acuradamente para as mil formas de “inculturação do natural” que inevitavelmente acompanham o discurso sobre o homem e sobre a mulher. Que são animais “nunca apenas naturais”.

A palavra e a mão mudam a natureza e a transformam. Sempre. Por isso, os argumentos que se fundamental em um “dado natural” devem se acautelar para não projetar sobre a natureza a ordem social, o medo afetivo ou a desconfiança do caráter.

Não há dúvida de que a grande distinção entre *“secondo natura”* e *“contro natura”* pode funcionar bastante bem no mundo antigo, medieval e no início da modernidade. Em particular, um “abuso” da referência *“contro natura”* ocorreu precisamente em consideração à aceleração científica e tecnológica dos séculos XIX e XX. Assim, um padre de bicicleta, uma mulher que pratica esportes ou um paciente cardíaco cujo coração foi transplantado foram, nos 60 anos antes do **Vaticano II**, casos clássicos de “escândalos *contro natura*”.

Portanto, a partir da modernidade tardia, é preciso vigiar com cuidado sobre um uso da referência à “natureza” que pressupõe grandes mediações culturais, às quais devem ser cuidadosamente dedicadas considerações e distinções preciosíssimas. É evidente que a natureza impede que uma **relação homossexual** tenha diversas experiências, que podemos considerar decisivas. Mas definir uma relação *“contro natura”* apenas a partir de algumas diferenças fisiológicas e biológicas corre o risco de exasperar apenas alguns aspectos dela e de perder a consideração do fato em si.

Eu diria, portanto, que neste caso a distinção, embora necessária, entre pecado e pecador não é suficiente. É a compreensão do pecado e da sua relação com o bem que exige um suplemento de intelecto e de coração.

**O relevo do “pecado” e a irrelevância da “forma de vida”**

Não há dúvida de que a “libertação da questão do pecado” é um ponto que deve ser considerado. Aceitar a homossexualidade “sem problemas” não é uma solução. Se a orientação homoafetiva não considera a ausência de geração como um problema seu, ela não elabora corretamente a sua própria experiência.

Mas a centralidade da relação com o pecado do ser humano e com a sua superação em Deus não pode ser o horizonte primeiro para a compreensão da homossexualidade. Ou, melhor, não deveria sê-lo da sexualidade, porque não o é de todo o restante da experiência. E isso precisamente porque, se o pecado é original, mais original é a graça.

Aqui ainda fazemos a experiência, difícil e dura, de um “primado do pecado” na autoconsciência cristã e católica, que muitas vezes se torna “culpabilização de toda a diversidade”. Se tentarmos aduzir “argumentos naturais” – como a objetiva “não diferença” entre dois homens ou entre duas mulheres, que exclui uma “compenetração” – devemos também reconhecer que a sua gestão cultural influencia definitivamente na própria percepção natural. E a própria fecundidade que a natureza exclui, a cultura não exclui.

Sobre isso, creio eu, uma reflexão que não se polarize imediatamente sobre as “patologias pessoais ou sociais”, mas considere o bem real que os sujeitos podem viver para si mesmos e para o próximo impõe uma revisão das categorias de fundo. Caso contrário, repetimos evidências que não correspondem à realidade. Assim como acontece com o início e o fim da vida, a natureza e a cultura não se deixam distinguir como evidências imediatas. Isso também vale para a **sexualidade**.

***Assim como acontece com o início e o fim da vida, a natureza e a cultura não se deixam distinguir como evidências imediatas. Isso também vale para a sexualidade - Andrea Grillo***

**A sombra longa do Decreto *Tametsi***

Há, depois, um aspecto decisivo da passagem do sexo à sexualidade que coloca a **Igreja** diante de uma “**questão copernicana**” decisiva. Ou seja, a reconsideração da “competência” eclesial sobre a “matéria matrimonial e sexual”. Para entender o “tom” do *responsum* e também a sua ingenuidade, devemos voltar a 1563 e à invenção da “forma canônica” do matrimônio. Ou seja, a uma grande virada em toda a cultura ocidental, que transferiu para a **Igreja Católica**, para as dioceses e para as paróquias o “catálogo dos matrimônios”.

Pense-se que é a partir daí que nasce a possibilidade de definir árvores genealógicas ou de usar os sobrenomes, que são justamente o fruto das decisões tridentinas. A Igreja assumiu naquele momento a competência sobre o matrimônio, isto é, sobre o contrato assim como sobre a bênção. Nos 1.563 anos anteriores, nunca havia sido assim. As pessoas se casavam não importa onde, e na Igreja havia o espaço para a bênção das núpcias.

É claro que hoje nos constrangemos com a [bênção que os casais do mesmo sexo](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607540-nota-sobre-declaracoes-da-congregacao-para-a-doutrina-da-fe%22%20%5Ct%20%22_blank) também pedem: acostumamo-nos a pensar em uma “competência integral” e custamos a recuperar competências parciais. Mas esse foi um trauma do qual já nos demos conta há 140 anos, a partir da ***Arcanum Divinae Sapientiae***, de **Leão XIII**, em 1880, com a “pretensão” de uma competência exclusiva da **Igreja Católica** sobre o matrimônio, a ser oposta às pretensões consideradas absurdas do Estado liberal: este era o grito de uma Igreja cercada e pressionada.

Mas temos uma tradição mais longa do que 1563. Temos até uma tradição que fez da “laicidade do matrimônio” o seu “bolim”. Por acaso esquecemos que **São Tomás** dizia que a “geração” ocorre de muitas maneiras: somos gerados pela natureza, pela cidade e pela Igreja?

Com efeito, o **modelo tridentino** de competência eclesial sobre o matrimônio entrou em crise no século XIX e, com a ***Familiaris consortio***, encontrou um ponto de não retorno. No momento em que se diz que os “**divorciados recasados**” não perdem a comunhão eclesial, o modelo oitocentista não funciona mais. A [Amoris laetitia](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/483%22%20%5Ct%20%22_blank) saiu dele definitivamente, embora o *responsum* do dia 15 de março finja que pode ficar dentro dele, mas às custas de interromper a relação com a realidade, observando-a por um olho mágico muito estreito e obscuro.

***O modelo tridentino de competência eclesial sobre o matrimônio entrou em crise no século XIX e, com a Familiaris consortio, encontrou um ponto de não retorno - Andrea Grillo***

**Novas descobertas e a sociedade aberta**

A pretensão de uma “**doutrina de sempre**” em matéria [matrimonial e sexual](http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/170-noticias/noticias-2014/538421-matrimonio-e-sexualidade-a-doutrina-muda-artigo-de-gianni-gennari) é uma reconstrução abstrata, que esquece a história. No momento em que o sexo se transforma em sexualidade, perde, em grande medida, a sua natureza de mera “função para o outro” e assume uma relevância direta para o sujeito, a doutrina deve encontrar novos recursos de argumentação e de orientação.

Para fazer isso, ela deve ouvir o **Evangelho** e a experiência dos homens e mulheres. Muitas vezes, esquecemos que a **questão sexual** e a **questão de gênero** estão intimamente ligadas, não apenas terminologicamente. O exercício da sexualidade muda no momento em que se descobre, científica, cultural e socialmente, que a mulher não é “a parte passiva na geração” e, portanto, é ativa no gerar, no exercício da sexualidade e no papel social.

Quando há apenas uma cabeça no matrimônio, ou seja, o marido, ou há duas, as coisas já não são mais as mesmas. Estes são fatos irreversíveis que mudam a **doutrina eclesial do matrimônio**, goste-se ou não. E a Igreja, quanto antes se der conta disso, antes responderá adequadamente às “perguntas” que recebe, ou que talvez faça por conta própria a si mesma.

***A questão da bênção dos casais homossexuais é muito mais séria do que parece no texto do “responsum”: tentemos dar à oficialidade eclesial um perfil mais nobre e menos provinciano - Andrea Grillo***

**A redução tridentina como instinto autorreferencial**

Assim como no “**caso Galileu**”, a **questão sexual** (e **homossexual**) suscita reações viscerais. Como a Igreja pode dizer que o “bem de Deus” é para todos os homens e mulheres, até mesmo para os não batizados? Se o anúncio diz respeito a sujeitos individuais ou a relações com as coisas, não há problema: você pode abençoar o veleiro **Luna Rossa** ou um tanque, uma boiada inteira ou uma associação de pesquisa sobre os flamingos. Mas, se tiver relação com o exercício da sexualidade, primeiro você pede o atestado de boa conduta, a conformidade com a natureza, a ausência de segundas intenções, e depois, eventualmente, você se põe em jogo.

Essa atitude é o fruto de uma história cheia de paixões, de julgamentos e de preconceitos. Mas a tradição eclesial é mais antiga do que o decreto ***Tametsi***. E tem os recursos para responder “afirmativamente”, até mesmo no nível estritamente canônico. Contanto que, em **Roma**, ou na **Alemanha** ou nos **EUA**, autoridades ou teólogos decidam não vestir a sua peruca e não proclamem, como verdade de sempre, o concentrado de representações antimodernas com o qual a **Igreja Católica** tentou resistir, como podia, à geada do século XIX.

Temos a cultura e a força para estar à altura da realidade. Se nos trancarmos nas Salas do **Santo Ofício**, se dermos a palavra apenas a quem está disposto a vestir a peruca e a se camuflar de um homem de 200 anos atrás para ainda sermos católicos, nos tornaremos dignos de não sermos levados a sério.

A questão da [bênção dos casais homossexuais](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607583-esta-igreja-me-assusta-de-jesus-nunca-uma-palavra-contra-a-homossexualidade-entrevista-com-alberto-maggi?fbclid=IwAR1Z_4DVrJE_0h21Nebk_q8HZnNBmYuS3G7b3xJwpG5SKAF_UATZ5d4ERE4" \t "_blank) é muito mais séria do que parece no texto do *“responsum”*: tentemos dar à oficialidade eclesial um perfil mais nobre e menos provinciano. Senão, um novo “**caso Galileu**” se tornará ingovernável e acabará nos obrigando a nos envergonharmos e a pedirmos perdão daqui a 50, 100 ou 300 anos.

<http://www.ihu.unisinos.br/607620-um-novo-caso-galileu-o-nascimento-da-sexualidade-e-a-doutrina-catolica-artigo-de-andrea-grillo>